

//Escola Secundária de Paredes//

# PONTO

# FINAL

//Jornal Mensal//Número 7 e 8//Abril e Maio de 2011//



© Fotografia da capa: Sara Nunes 12º | Frase da contra-capa: Beatriz Malheiro 10º |

Editorial  
Visita da Ministra da Educação  
Le Tour de France  
Pelo Prazer de Saber  
Depois do Espectáculo... a Viagem a Paris  
Solidariedade

Educação Física/ Desporto Escolar  
A Matemática na Lenda e na História  
O céu está lilás  
Entrevista com o Professor Rui Moutinho  
Conferência  
"A mat. no desporto e nas redes sociais"

O "Tornar-se Humano"  
Ponto final  
Olimpíadas de História  
Adivinhas  
Inquérito  
Paredes Sob Investigação

Saudades  
Artesemparedes  
31ª Marcha Juv. de Montanha  
Entrevista aos Clã  
Entrevista a Manel Cruz  
SPOOF ADS

## EDITORIAL

As crescentes dificuldades que o nosso País enfrenta não deixam ninguém indiferente. A Escola sente particularmente os problemas sociais, os dramas humanos e a incerteza perante o futuro. Os nossos alunos representam esse futuro com um presente interrogado. Para além da sua função primordial, a Escola continua a desenvolver laços de solidariedade, a partilhar o optimismo e a auto-estima e a construir pontes para os novos valores, valores de sempre.

Folheie o leitor estas páginas e encontrará uma pálida imagem do que fazemos e do que valemos. Modéstia? Talvez.

## O CÉU ESTÁ LILÁS

Assim o vejo,  
Assim o sinto.

Por entre as nuvens ardentes,  
E o puro vento... Lilás!  
Vida vaga,  
Subtil e delicada, que admiro mas não tenho.  
Por mais horas que o dia tenha,  
Melancólicas ou alegres,  
antecedem agora o cinzento das nuvens  
e o silêncio da solidão.  
Para o bem e o mal,  
Talvez o claro e o escuro,  
Ou até mesmo o irreverente e o reverente.  
Observa o Lilás...  
Suave, delicado... Belo céu Lilás!

Sara Helena Costa, 11°C

## VISITA DA MINISTRA DA EDUCAÇÃO

Sua Excelência a Ministra da Educação, Dr<sup>a</sup>. Isabel Vilar, visitou a Escola Secundária de Paredes, no dia 8, domingo, para se inteirar das obras de requalificação em curso.



# PONTO FINAL.

FICHA TÉCNICA

*Jornal Ponto Final*  
Publicação Mensal  
Nº 7/8, Abril/Maio 2011

**Coordenação-Geral**  
Professor António Aresta

**Direcção Gráfica**  
Professor Moisés Duarte  
Professor Rui Espírito Santo

**Colaboram neste número**

11º B e C	Arlindo Sousa
Antónia Bessa	André Garcês
Beatriz Malheiro	Catarina Babo
Cristina Oliveira	Cândida Queiroz
César Silva	Eduardo Pinto
Fátima Cardoso	Fátima Machado
Fernanda Pereira Leite	Francisco Queirós
Grupo de Artes	Grupo de História
Helena Oliveira	João Correia
João Dias	Juliana Ribeiro
Lúis Manuel Garcia	Margarida Andrade
Mariana Martins	Mário Cruz
Marta Sousa	Pedro Miguel Pereira
Sandra Moreira	Sara Helena Costa
Sara Nunes	Vânia Leal

**Impressão**  
Reprografia da ESP

**Distribuição**  
Associação de Estudantes ESP

**Propriedade**  
Escola Secundária de Paredes  
Rua António Araújo, s/n  
4580-045 Paredes  
Portugal  
e-mail : [jornal.final@esparedes.pt](mailto:jornal.final@esparedes.pt)

Os textos assinados reflectem  
a opinião dos seus autores.

# LE TOUR DE FRANCE

Procurava sintonizar as ondas curtas fazendo rolar um pequeno círculo num dedilhado urgente, para poupar as pilhas. O velho aparelho de rádio, um transístor, a sul, na janela do primeiro andar, apanhava a Radio France Internationale. Apanhar é um modo de dizer. O balouçar da antena encontrava algumas palavras dispersas e a coluna interior devolvia-as cheias de um zumbido permanente. “Pollentier ... chute ... le portugais ...seule”. Meias palavras e aparentemente enigmáticas. Não para mim, que, contendo um sorriso emocionado, murmurava que finalmente Agostinho estava por sua conta.

Peyresourde, Aspin e Tourmalet. Os três gigantes. Há um ponto na A-64, perto de Lanemmezan, em que os descobri pela primeira vez. Logo depois de uma área de serviço dedicada ao Tour. Pressinto a estrada, alucinante, íngreme, em curva e contra-curva e, depois, as descidas, longas, precipitadas, loucas...

Ataca-se a primeira contagem do prémio da montanha. Um dia fresco, um dia típico de Verão na alta montanha. Aproximam-se. Lucien Van Impe, com a camisola às bolas vermelhas, a observar o delfim de Eddy Merckx, um jovem chamado Freddy Martens. No grupo da frente estão também os holandeses Zoetmelk e Kuiper, os franceses Hinault e Thevenet e, claro, o português.

A estrada municipal que liga o Peyresourde ao Col d'Aspin atravessa o vale de Louron. Atravessa a lenda e a memória: “si tu ne viens pas à Lagardère, Lagardère ira à toi”. Depois, o bote fatal e a mão de Aurora de Nevers. Entretanto, outra povoação essencial a aproximar-se: Arreau. A flecha dupla na estrada indica, finalmente, Aspin e, logo em maiúsculas verdes, OUVERT. Sucedem-se os cotovelos na estrada, as bermas a desaparecerem, esfareladas, as curvas quase circunferências, a vertigem dos precipícios sem protecção. Doze quilómetros terríveis e a imaginação a não alcançar o que será o Tourmalet.

O rosto a trair o esforço imenso. A camisola amarela também pedala, dizem. E Thevenet a lançar-se na última descida. Quinze segundos dão-lhe vantagem sobre o pequeno grupo de perseguidores: Zoetmelk, Hinault, Van Impe, Agostinho e ... os italianos. Em baixo de forma, publicara o L'Équipe, na véspera, referindo-se a Francesco Moser e a Giuseppe Saronni!

O desvio à esquerda é quase imperceptível. Por ele fugimos das terras de Bigorre e de Lourdes. Vamos a ca-

minho do inferno, a caminho do mítico Tourmalet. Nas cinco vezes em que o desafiei no Inverno, escapou-me sempre, uma a uma. Route fermée, monsieur, disseram, ano após ano. Só no Verão.

Regressei no Verão. Os primeiros sete quilómetros são suaves. A estrada eleva-se para o céu a partir daí. Para os ciclistas, a ascensão ao Tourmalet é a razão de ser dos Pirenéus. Em algumas curvas, nos dias limpos, azuis, dizem que avistam o país espanhol. Quando os dias são limpos e azuis. Como naquele dia.

Joaquim Agostinho era uma força da natureza quando se levantava do selim. Conseguiu duas rectas pequenas de avanço e subitamente estava ao lado de Thevenet. O francês ameaçava quebrar, os gestos mecânicos, a falha provável no momento de abastecer. Agostinho ergueu-se de novo. A rádio-tour grita três quilómetros para o fim. O português está só na frente. O que lhe vai na alma? A memória de Merckx e Poulidor, o medo de os sentir atrás de si, a aproximarem-se. Um último olhar, relanceado, e é Saronni já muito perto. As mãos cravam-se na bicicleta. O tronco curvado. Os olhos pregados na estrada. Movimentos sonâmbulos. O corpo a não obedecer.

O italiano ia mais fresco. Ganhou! Vai fazer 40 anos a memória das caricas.

Francisco Queirós

---

## PELO PRAZER DE SABER

De vez em quando, os animais falam. O Homem dá-lhes essa liberdade, quando ele próprio a perde.

Uma prova muito antiga deste facto vem da Índia, pela mão dos árabes: O livro de Kalila e Dimna que inspirou, durante o seu percurso, as gentes de outras civilizações.

Os orientais imaginam um Ocidente.

Os ocidentais imaginam um Oriente.

A procura da sensatez parece tornar-se insensata.

Franz Toussaint, orientalista francês, traduziu do chinês «A flauta de jade» que nos diz do Insensato: «Com grandes gestos, ele afastou-se na noite. Parecia que estava a colher estrelas».

Luís Manuel Garcia

## DEPOIS DO ESPECTÁCULO... A VIAGEM A PARIS

Nos dias 15, 16 e 17 de Abril de 2011, um grupo de alunos e professores desfrutaram de uma viagem inesquecível à capital de França, Paris -a cidade luz.



Nos meses que anteciparam a viagem, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e motivados para a realização deste sonho.

Os discentes foram o elemento chave para o êxito da viagem, pois adoptaram um comportamento irreprensível; foram extremamente cumpridores, revelando um grande sentido de responsabilidade. Tiveram a oportunidade de conhecer, in loco, não só alguns aspectos da civilização e cultura francesas, como também de praticar a língua aprendida na escola.



Foram visitados vários locais de interesse turístico-cultural tais como a Tour Eiffel, O Musée du Louvre, O Arc de Triomphe, O Quartier Latin e o Sacré Coeur.



Várias situações foram vividas intensamente como por exemplo, andar de avião, de metro e de Bateau Mouche pelo rio Seine.

Esta viagem a Paris ficará para sempre na memória dos alunos, que tiraram centenas de fotografias.

Não posso deixar de agradecer a disponibilidade dos professores que acompanharam este grupo de alunos e a cooperação das docentes que leccionam a disciplina de Francês da escola.

A professora responsável pela organização da viagem,  
Cristina Oliveira



## SOLIDARIEDADE

A campanha de solidariedade “Recolha de Alimentos para Famílias Carentes” culminou, na derradeira semana de aulas do 2º período, com a composição de seis cabazes de Páscoa. A elaboração destes cabazes contou com a presença e auxílio de elementos do corpo de encarregados de educação dos alunos da Escola Secundária de Paredes que, com uma disponibilidade incomensurável, não deixaram de contribuir amplamente para o sucesso desta campanha.

Este sucesso não seria possível sem o empenho e dedicação da turma do 8ºD. Ao repto lançado nas aulas de E.M.R.C., procuraram garantir que a constituição de cabazes fosse possível e que, além disso, pudessem suprir, mesmo que momentaneamente, as necessidades mais prementes das famílias de alguns colegas da escola. Os 8 D`Ajuda angariaram fundos através da realização de uma feira, remetendo para a campanha a totalidade do montante adquirido. Sem a acção voluntária desta turma, dos professores e demais elementos da comunidade escolar que participaram com a contribuição de produtos e bens, o sucesso da actividade ficaria totalmente comprometido.

Salienta-se ainda a disponibilidade, empenho e dedicação ao projecto por parte do Exmo. Sr. Padre Vitorino, pároco de Castelões de Cepeda, assim como dos membros da Conferências Vicentinas.

A todos um profundo agradecimento.

Os professores:  
Antónia Bessa; Cândida Queiróz;  
Fátima Cardoso; Pedro Pereira

## PROVÉRBIOS

A água de Abril é água de cuco, molha quem está enxuto.

Abril, águas mil.

Abril chuvoso, Maio ventoso e Junho amoroso, fazem um ano formoso.

Em Maio queima-se a cereja ao borralho.

Maio frio e Junho quente : bom pão, vinho valente.

As favas Maio as dá, Maio as leva.

## EDUCAÇÃO FÍSICA/ DESPORTO ESCOLAR

Finalmente, as instalações desportivas da nossa Escola ficaram prontas a ser utilizadas. No início do terceiro período, os nossos alunos começaram a ter aulas de Educação Física.

As novas instalações vão permitir aos alunos uma aprendizagem e desenvolvimento dos desportos “tradicionais” bem como novos desportos. Para além do novo pavilhão desportivo, surge, também, duas salas que permitem leccionar modalidades como ginástica, danças, ténis de mesa, badmington, entre outras. No exterior, o antigo espaço foi dividido em 4 espaços, 2 para andebol e futsal, outro para basquetebol e outro para ténis de campo. No exterior ainda comporta uma caixa de saltos: salto em comprimento e triplo-salto.

A nível de Desporto Escolar, a Escola já fez o projecto de adesão para o ano lectivo de 2011-2012.



# A MATEMÁTICA NA LENDA E NA HISTÓRIA

## Números amigos

Algumas propriedades dos números têm, muitas vezes, nomes curiosos, o que, frequentemente, surpreende os leitores.

Citemos, como exemplo, o caso dos chamados números amigos.

Como descobrir entre os números aqueles que estão presos pelos laços dessa amizade matemática?

Consideremos, por exemplo, os números 220 e 284. O número 220 é divisível exactamente pelos seguintes números:

1, 2, 4, 5, 10, 11, 20, 22, 44, 55 e 110

São estes os divisores próprios de 220, isto é os divisores positivos de 220 com excepção do próprio número.

O número 284 é, por sua vez, divisível exactamente pelos números:

1, 2, 4, 71 e 142

De igual forma estes são os divisores próprios de 284.

Pois bem. Há entre estes números uma coincidência realmente notável. Se somarmos os divisores próprios de 220 atrás indicados vamos obter uma soma igual a 284; se somarmos os divisores próprios de 284, obteremos um resultado igual a 220. Dizem por isso os matemáticos que esses dois números são amigos.

Há uma infinidade de números amigos, mas estes dois números, 220 e 284, formam o par de números amigos mais pequenos que se conhece. A sua descoberta é atribuída a Pitágoras (filósofo e matemático grego, 570 a.C. – 496 a.C.).

Para os Pitagóricos os números amigos simbolizavam a harmonia mútua, a amizade perfeita e o amor. Os números amigos aparecem várias vezes na literatura árabe, pois para os árabes tinham um papel especial na magia e na astrologia, na construção de horóscopos, na bruxaria, na preparação de poções mágicas e na construção de talismãs.

Outros números amigos foram descobertos com o passar do tempo. Pierre Fermat anunciou em 1636 um novo par de números amigos formado por 17296 e 18416, mas na verdade tratou-se de uma redescoberta pois o árabe di Ibn al-Banna (1256 - 1321) já tinha encontrado este par de números no fim do século XIII.

Leonardo Euler, matemático suíço, estudou sistematicamente os números amigos e descobriu em 1747 uma lista de trinta pares, que foi ampliando para mais de sessenta pares. Todos os números amigos inferiores a mil milhões já foram encontrados.

Um facto interessante foi a descoberta, em 1866, por Nicolò Paganini, um jovem italiano de 16 anos, do par 1184 e 1210, que, curiosamente, passou despercebido a todos aqueles matemáticos famosos.

Vejamos agora o que se passa com o número 6. É divisível pelos números 1, 2 e 3, mas a soma desses números (1+2+3) é igual a 6. Concluimos, portanto, que o número 6 é amigo de si próprio.

Já houve quem quisesse concluir deste facto que o número 6 é um número egoísta, mas isso já é outra história...

Fernanda Pereira Leite

---

## ENTREVISTA COM O PROFESSOR RUI MOUTINHO

**Jornal Ponto Final (JPF)** : Começando pelo princípio : porquê fazer da educação física uma profissão de toda a vida ?

**Professor Rui Moutinho (PRM)** : Tive a sorte de ter tido um excelente professor de educação física, o que fez com que eu dirigisse todo o meu querer para esta profissão, além de que fui sempre um bom praticante.

**JPF** : O desporto escolar e a educação física na ESP : que perspectivas de futuro ?

**PRM** : A educação física em geral e neste momento, já que foram inauguradas as novas instalações, fizeram



## CONFERÊNCIA “A MATEMÁTICA NO DESPORTO E NAS REDES SOCIAIS”

Realizou-se no passado dia 27 de Abril, pelas 14h 30min, no pequeno auditório da nossa escola, uma conferência intitulada “A matemática no desporto e nas redes sociais: uma aventura com a Lili Caneças, o Mourinho e o Facebook”.

Esta palestra, proferida pelo Dr. Samuel Lopes, Professor Auxiliar no Departamento de Matemática Pura da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, desenvolveu-se em 2 partes distintas: na 1ª parte alunos e professores embrenharam-se, de forma empenhada, na resolução do seguinte problema de probabilidades: “Por uma destas circunstâncias inesperadas que a vida por vezes nos reserva, estás envolvido num combate mortal de arco e flecha com a Lili Caneças e o Mourinho, e só um dos três pode ganhar. Para piorar as coisas, não tens muito jeito para o arco, e a tua probabilidade de acertar é inferior à do Mourinho e à da Lili. Mas não desanimes! Serás o primeiro a atirar e terás a ajuda da matemática para encontrar a melhor estratégia para os vencer.”

com que a disciplina ficasse com excelentes condições para a prática/teórica. Quanto ao desporto escolar e nos moldes actuais, infelizmente não nos é possível participar com mais assiduidade.

**JPF:** Há alguma história, ou histórias, da vida desportiva escolar que queira partilhar com os leitores ?

**PRM :** Há uma que não vou esquecer nunca. Tem a ver com um encontro entre escolas em Santo Tirso. O convívio no segundo dia foi excelente, fruto da sua cordialidade entre alunos e professores, na sua globalidade, já que no primeiro dia a rivalidade era doentia.

**JPF :** Qual é a sua modalidade de eleição ?

**PRM :** Pesca submarina. Tem a ver com a minha vida à beira mar, bem como o encanto que as profundezas do mar proporcionam.

**JPF :** Como é que um africano, angolano, saudos das suas raízes olha para o desenvolvimento desportivo de Angola ?

**PRM :** Olho para o desporto em Angola com alguma preocupação. Sei de antemão que a prioridade após a guerra é o apoio às populações, sobretudo a nível social. Por isso as escolas, casas, hospitais e estradas estão neste momento na linha da frente. Logo que estejam estabelecidas, então sim, o desporto dará um grande salto. Não esqueço que mesmo assim somos campeões de África em basquetebol masculino e em andebol feminino.



Na 2ª parte, um pouco mais teórica, foi feita uma breve abordagem à Teoria dos Grafos, nomeadamente às aplicações da matemática ao estudo das redes sociais, como o facebook, e tentou perceber-se melhor o que são os famosos seis graus de separação.

Actividades como esta, que promovem o contacto dos alunos com professores de outras instituições, são propiciadoras de uma aprendizagem que contribui para uma formação matemática mais ampla e diversificada.

Fernanda Pereira Leite

## O “TORNAR-SE HUMANO”

O “tornar-se humano” não é uma questão meramente genética, mas epigenética.

A criança necessita de um meio social propício ao seu desenvolvimento, uma vez que as competências que recebeu não lhes foram dadas de forma acabada. “Tiraram-nos do forno evolutivo muito cedo, estamos a meio da cozedura...”, referia Fernando Savater na tentativa de explicar que o ser humano é, portanto, um ser imaturo. É o convívio com os outros que vai permitir-lhe actualizar as características que herdou, ou seja, desenvolver as suas competências cognitivas, afectivas, relacionais e culturais.

Os episódios que vão sendo vividos pelo indivíduo ficam “guardados” e essas experiências ser-lhe-ão úteis, mais tarde, na construção da sua história pessoal. Cada ser humano é capaz de auto-organizar-se, ou seja, é capaz de pegar no emaranhado das suas vivências e de as ordenar em função dos objectivos que escolheu e das normas de conduta que lhe permitem alcançá-los. Trata-se de elaborar uma síntese de tudo o que de marcante capta, entende e sente, realizada à maneira de cada ser humano. Esta construção da narrativa vem então reforçar a individualidade de cada um. É por isso que as experiências não são boas nem más, dependem antes de quem as vivenciou, porque cada pessoa é um ser único que experimenta o mundo de maneira exclusiva. O modo como cada um interpreta cada situação depende não apenas da própria pessoa, que é dotada de características singulares, mas também de factores externos. Neste sentido, cada indivíduo cria a sua narrativa pessoal mediante certas condutas, ideias, costumes, sentimentos, atitudes e tradições que lhe são proporcionadas pelos traços da cultura da sociedade em que vive e esse modifica pelos significados que lhe atribui.

Definitivamente, o contexto social é indispensável à construção do ser humano e os casos descritos de “crianças selvagens” (criadas por animais, em clausura ou que sobreviveram sozinhas), são o melhor exemplo disso.

Se existe uma predisposição para os seres humanos se socializarem, desenvolvendo competências linguísticas e relacionais, que terá sido feito dessas competências genéticas para a sociabilidade?

O desenvolvimento das potencialidades hereditárias ficou atrofiado devido à ausência de estimulação social e humana, durante os primeiros anos de vida. Quando lhes foi apresentada, era já demasiado tarde para se desenvolverem essas competências e se processarem as aprendizagens adequadas. O período de maturação das estruturas biológicas herdadas tinha sido ultrapassado. Estas “crianças selvagens” nunca chegaram a dominar a linguagem e, mesmo depois de aprenderem a deslocar-se de pé, retomavam facilmente os hábitos de locomoção do seu estado selvagem. Na verdade, elas nunca conseguiram comportar-se como seres humanos, dado que, em vez de conviverem com outras pessoas, imitando-as, contactaram sempre com modos de comportamento animal. Se desde o nascimento estas crianças se tivessem integrado em grupos sociais, ter-se-iam desenvolvido normalmente e o rumo das suas vidas teria sido outro, completamente afastado dos modos de conduta que desenvolveram.

É com extrema facilidade que então nos apercebemos da influência que o mundo exterior exerce sobre nós e da importância do meio social no “tornar-se humano”. “Será preciso admitir que os homens fora do ambiente social, visto que aquilo que consideramos ser próprio deles, como o riso ou o sorriso, jamais ilumina o rosto das crianças isoladas.” (Lucien Malson)

Vânia Leal, 12°C

---

## PONTO FINAL

Terminou um ciclo, terminou uma vida. A vida de uma pessoa tem muitos “pontos” em que muda.

Quer mudemos a nossa personalidade devido ao crescimento, quer seja devido ao final de um ciclo ao longo de uma vida ocorrem uma série de acontecimentos que nos levam a mudar o curso desta de vez em quando. No entanto há uma altura em que temos poder. Uma altura em que podemos escolher que curso dar à vida que queremos levar. Esse momento chegou.

Estou no 12º (décimo segundo) ano e chegou aquela altura em que as escolhas difíceis vêm ao de cima. No entanto, ao deparar-me com indecisões e depois de reflectir bastante no assunto, decidi que o que é preciso é marcar esta fase com um ponto final, fazer parágrafo e deixar uma ou duas linhas de intervalo e começar uma nova frase, com novas ideias e novos pensamentos.

A vida, ensina muito. E ultimamente o que eu tenho aprendido é que a única maneira de actualmente ser aceite numa sociedade como a nossa (sim, esta sociedade violenta, e onde a aparência conta mais que o carácter – daí o nome geração rasca) é precisamente a imagem. Apesar de todos estarmos conscientes que isto se passa e que a culpa é toda nossa, iniciámos lamentações inerentes às más escolhas feitas com base na imagem que uma pessoa tem, escolhas essas que foram feitas sem ter em conta o carácter do escolhido como é o caso da escolha de um governo ou então da empresa que nos vai construir a escola. No entanto, eu acho e sou completamente a favor da destruição deste regime (vida) de escola de falsidade em que vivemos. Não sei o que mais fazer para o quebrar nas pessoas que à minha volta vivem. Já fiz tanto que actualmente nem sequer aprecio o que me tornei. Com tanta mudança nem sequer sei o porquê de ser como sou.

Eu sei que sou nada no que toca à parte física, mas sei também que a singularidade de uma pessoa vale muito e altera em muito o rumo da história (tal como Isaac Newton ou então Albert Einstein) e é por isso que escrevo como escrevo o que escrevo sendo a base para a minha escrita o pensamento que visa a criação de uma sociedade (não utópica – pois reconheço que não é algo que seja possível construir de um momento para o outro) melhor que a que temos, pois apesar de cientificamente estarmos num auge, socialmente estamos abaixo da média.

Penso que é a hora (como dizia Pessoa). Há que usar aquela marca gramatical que existe por todo o planeta e que tem um significado nada tão básico como a sua aparência porque apesar de ser apenas um ponto, significa a viragem, a mudança e ainda a capacidade que cada um de nós sozinho ou então todos os seres do planeta em conjunto tem de mudar o que quer que esteja de mal na sociedade que constituímos.

João Carlos da Cruz Dias, 12ºE

---

## OLIMPIADAS DE HISTÓRIA

No passado dia 4 de maio realizou-se, na Escola Secundária de Paredes, a 4.ª edição das Olimpíadas de História para os alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico. À semelhança dos anos anteriores, esta iniciativa do grupo de

história, contou com a participação entusiástica e empenhada dos alunos do 3.º ciclo, que formaram equipas para representarem as respectivas turmas e anos. Das 42 equipas em concurso, apuraram-se como vencedoras na respetiva modalidade:

- “Os Historiadores” - Gabriela Vidinha; Inês Viana e João Duarte Barroca, do 7.º ano, turma G;

- os “Darmestadtios” - Duarte Graça; Pedro Filipe Ferreira e Ricardo Pinto, do 8.º ano, turma F;

- “The Black Market” - Mário Coelho; Mário Pinho e Miguel Miguel, do 9.º ano, turma H.

Parabéns aos vencedores! A todos os participantes, deixamos o convite para a competição do próximo ano letivo.

O grupo de História

---

## ADIVINHAS

O que é, o que é...por muito que se corte fica sempre do mesmo tamanho?

Qual é o vegetal cujo nome lido ao contrário é o nome dum animal?

O que é pequeno em Lisboa e grande no Brasil?

---

## INQUÉRITO

O Ministério da Saúde, através do Instituto da Droga e da Toxicodependência promove de 4 em 4 anos estudos para avaliar as políticas de prevenção desenvolvidas na área do consumo de substâncias psicoactivas e em outras áreas relacionadas com a saúde dos jovens. Em conformidade com esse objectivo, algumas turmas responderam a um questionário elaborado pelo Instituto da Droga e da Toxicodependência, no dia 10 de Maio.

---

## SOLUÇÕES

(letra b)  
(arroz)  
(paralho)

# PAREDES SOB INVESTIGAÇÃO

No dia 8 de Abril, pelas 9 horas da manhã, no âmbito da disciplina de Área de Projecto, um grupo de “investigadores” da turma D do 12º ano, pôs em marcha uma série de actividades laboratoriais. Escolheram a Escola Secundária de Paredes para realizar estas actividades devido às boas condições de equipamento laboratorial que esta apresenta.

Quem teve a oportunidade de participar na apresentação do nosso produto final pode reparar que actividades distintas foram realizadas, mas que todas elas tinham um objectivo comum, divulgar a utilidade da biologia ao serviço das ciências forenses. A determinação do grupo sanguíneo de alguns participantes foi uma das actividades desenvolvidas. Muitas pessoas mostraram curiosidade relativamente a esta actividade, principalmente quando a responsável pela sua realização falou sobre alguns problemas relacionados com determinados grupos sanguíneos. Uma outra actividade realizada foi a extracção do DNA, que se revelou muito interessante para a realização do objectivo pretendido, dado que o futuro da investigação criminal está no exame de DNA. A actividade central foi a Electroforese. Esta técnica permite a separação de moléculas de acordo com o seu tamanho, pois as de menor massa irão migrar mais rapidamente do que as de maior massa. A partir desta técnica é formado uma espécie de código de barras que constitui a identificação de cada indivíduo. Outras actividades, como jogos interactivos e jogos manuais sobre Biologia, serviram de estratégia para atrair os mais novos.



Optamos pela realização deste projecto devido à nossa “paixão” por biologia. O gosto, a dedicação e a admiração por tudo o que diz respeito à biologia une-nos. A ideia de divulgarmos a utilidade da biologia ao serviço

das ciências forenses surgiu porque alguns elementos do grupo estavam interessados em explorar este tema.

A realização deste projecto foi muito positiva. Não só adquirimos novos conhecimentos sobre ciências forenses e biologia como também tivemos oportunidade de trabalhar em equipa. Ao longo deste ano lectivo, desenvolvemos muitas actividades, e para a sua realização foi necessário diálogo, harmonia e muito respeito uns pelos outros. Fomos confrontados imensas vezes com obstáculos que, no fundo, nos fizeram crescer não só como grupo, mas também como pessoas.

André Garcês; César Silva; Eduardo Pinto;  
Helena Oliveira; Fátima Machado;  
Marta Sousa; Sandra Moreira.

---

## SAUDADES

A cidade de Díli, capital de Timor Leste, amanheceu ameaçadora. As montanhas que circundam a cidade do lado de Luiquiçá e Maubara pareciam querer despejar o seu mau humor sobre nós. Entretanto, as nuvens que até aqui não passavam de ameaças sobre as nossas cabeças, abrem-se de par em par e a chuva torrencial desaba sobre os nossos frágeis chinelos e nossas cabeças desocupadas. Não era de facto a despedida que eu esperava, depois de uma semana maravilhosa a conhecer Timor. Este pequeno país situado no Oceano Índico, para lá do equador, restaurou a independência a 20 de Maio de 2002, depois de uma luta heróica contra a opressão dos Indonésios. Todos nos recordamos da tragédia que aconteceu no cemitério de Santa Cruz em de Novembro de 1991 e que foi o princípio do fim da presença da Indonésia em Tim Tim. Tim Tim era o diminutivo de Timor Timor, a tradução em Bahasa indonésio de Timor Leste. Este massacre no cemitério de Santa Cruz foi dado a conhecer ao mundo através do jornalista Inglês Max Stahl, que, apesar de permanentemente vigiado pela polícia política Indonésia e, ultrapassando todos os obstáculos, vencendo os sérios riscos pessoais que se deparavam nas suas pesquisas, deu a conhecer a todo o mundo a crueldade dos Indonésios naquele fatídico dia 12 de Novembro.

Foram precisos 11 anos de muitas lutas, mais alguns massacres e a intervenção da comunidade internacional, com Portugal à cabeça, para que a independência fosse uma realidade. Quem não se lembra da comoção nacional depois de a RTP mostrar as imagens do massacre do

cemitério de Santa Cruz. Milhares de pessoas saíram à rua e o país inteiro juntou-se no repúdio pelo genocídio praticado de forma sistemático pelas forças invasoras da Indonésia. Foi também crucial para o feliz epílogo de todo este processo, o papel dos Estados Unidos



depois de alguma forma pressionados pelo primeiro-ministro da altura, engenheiro António Guterres e do então Presidente da República Dr. Jorge Sampaio. Com o referendo de 30 de Agosto que deu um resultado de 78,5 % a favor da independência de Timor, contra os 21,5 % a favor da integração do território na Indonésia e com uma participação maciça, (votaram 98,6% dos eleitores recenseados) números que fazem corar de vergonha muitas das democracias Ocidentais, abriu-se, enfim, caminho para que nascesse um novo país no seio da comunidade internacional.

O primeiro contacto com Díli foi um tremendo choque: casa abarracadas, uma inépcia total dos funcionários alfandegários, que presos por minudências, fazem-nos desesperar em filas enormes. Crianças subnutridas, táxis a desfazerem-se nas estradas esburacadas, eis o que se nos é dado observar logo à saída do aeroporto.

Este primeiro contacto foi-se alterando com o passar dos dias, seja pela simpatia das pessoas, seja pela constatação das condições históricas, económicas e culturais que enformam este novel país. Conhecemos o Bispo de Díli, D. Alberto Ricardo, a quem fomos apresentar os cumprimentos da Escola Secundária de Paredes e entregar-lhe a Revista Papel de Parede(s) assim como livro sobre Timor, no qual o coordenador do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Dr. Aresta, colaborou. Recebeu-nos com muita cordialidade e simpatia mostrando um genuíno prazer pelo facto de poder conversar com pessoas de Portugal e saber novidades sobre o nosso país. Mais tarde, visitamos também a Escola Portuguesa de Timor, situada em frente ao cemitério de Santa Cruz onde fomos recebidos pela Dra. Cândi-



da Valente, coordenadora do primeiro ciclo, pois o Dr. João, director da escola, estava ausente de Díli e entregamos-lhe os livros que levávamos, também oferecidos pela nossa Escola. Tivemos uma longa conversa sobre as dificuldades da escola. Desde logo pelo facto de, não havendo cultura de trabalho em Timor, ser muito difícil motivar os alunos para fazer os trabalhos de casa. Lá como cá. Ainda nesse dia visitamos uma missão dos padres Capuchinhos em Tibar, a 20 km de Díli. Está lá uma das razões que fazem do nosso país uma nação que deu e continua a dar novos mundos ao mundo. O padre António, director do Seminário, está a fazer um trabalho extraordinário no sentido de levar àqueles jovens um pouco mais de cultura e de conhecimento, pois em Timor está tudo por fazer. O verdadeiro investimento está na educação. Entre outras coisas é esse o grande trabalho que o padre António está a fazer em Timor. Bem-haja.

Oportunamente darei mais pormenores desta viagem que ficará sempre associada a um conjunto de emoções bipolares: uma excitação imensa por estar num país novo, de paisagens belíssimas, onde o mar, insaciável, beija os recortes desenhados na orla costeira por milénios de ondas vagarosas que bordejam as margens, e, por outro lado, a miséria que se consubstancia na lassidão de muita da população que por falta de motivação não tem atitudes pró-activas. Parece-me um povo muito conformado, o que poderá trazer a inevitável dependência (económica, social, intelectual e psicológica e portanto política) que acompanha a falta de espírito crítico.

Estou de partida depois de uma semana a visitar/saborear Timor e, o céu, qual criança mimada após um dilúvio de lágrimas, rapidamente desfaz as nuvens tenebrosas e abraçando-me com um sol que tudo ilumina, parece sussurrar-me: boa viagem, a tua filha fica bem. E a separação tornou-se menos penosa...

# ARTESEMPAREDES

Como vem sendo tradição na nossa escola no final de cada ano lectivo, foi inaugurada no passado sábado 4 de Junho às 22 horas, a exposição de arte Artesemparedes.

Patente até dia 26 de Junho na Casa da Cultura de Paredes, esta exposição é uma mostra dos trabalhos escolares dos alunos das turmas do 10º ano H e I e do 12º ano I, do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais da nossa escola.

Aqui ficam algumas fotos da inauguração.

Grupo de Artes





# UM COLÓQUIO COM VIDA...

Cerca de duzentas pessoas participaram no Colóquio de homenagem ao escritor-médico paredense Dr. António Mendes Moreira, que decorreu no dia 4 de Maio de 2011, no Grande Auditório da Escola Secundária de Paredes, tendo como escopo a (re)visitação da obra literária do escritor.



Após as boas-vindas proferidas pelo Director da Escola Secundária de Paredes, seguiu-se a exibição de um filme sobre a vida e obra de Mendes Moreira: «A alma nua de um escritor», realizado por alunos da Escola Secundária de Paredes.

A mesa, presidida pela Dr.ª Margarida Andrade, foi constituída pelo Senhor Director da Escola Secundária de Paredes, Dr. Francisco Queirós; pelo Senhor Presidente da Câmara de Paredes, Dr. Celso Ferreira; pelo Coordenador do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Dr. António Aresta; pela Coordenadora do Departamento de Línguas, Dr.ª Olinda Loureiro; e pela Representante do Magnífico Reitor da Universidade Fernando Pessoa, Prof. Doutor Salvato Trigo, Senhora D. Manuela Trigo.

O Colóquio contou com a presença de várias personalidades locais, familiares e amigos do escritor, bem

como a presença de professores e alunos da escola. O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Paredes tomou a palavra para agradecer o convite que lhe foi dirigido para estar presente no Colóquio e deixou uma palavra de elogio e reconhecimento pela obra deixada pelo insigne escritor paredense, anunciando a vontade da Câmara Municipal de Paredes vir a atribuir a medalha de honra da cidade pelo contributo e legado que o Dr. Mendes Moreira deixa à cidade.

O Colóquio versou temas atinentes ao estudo da obra literária do escritor, desde a literatura infantil, comunicação proferida pelo Dr. Francisco Queirós, passando pelas questões éticas plasmadas na obra do escritor, pelo Dr. António Aresta, até ao enfoque dado à escrita literária, pela Dr.ª Olinda Loureiro. A comunicação «António Mendes Moreira ou o percurso de um eu outro», da autoria do Prof. Doutor Salvato Trigo, encerrou as comunicações.

Após a visita à exposição bibliográfica e documental presente no hall da escola, a cerimónia terminou com o descerramento de um memorial em granito, em honra do escritor, no claustro do Pavilhão A da Escola Secundária de Paredes, com a seguinte inscrição: «De tão agarrado a este chão de Paredes, não terão os meus pés raízes invisíveis?».



Importa deixar aqui um agradecimento a todos os que estiveram presentes e também um agradecimento às empresas M. Sousa, Mármore e Granitos de Vila Cova, Rádio NFM e Foto Paredense pelo apoio e ajuda que prestaram a este Colóquio.

Foi uma honra e uma alegria para todos aqueles que amam a literatura a ocorrência de um momento de partilha como este e que perdurará, certamente, nas nossas memórias. Ao Dr. António Mendes Moreira e à sua família um agradecimento muito especial.

Margarida Andrade

## 31ª MARCHA JUVENIL DE MONTANHA

### Serra do Caramulo

À semelhança do que aconteceu nos últimos oito anos, a Escola Secundária de Paredes participou, no dia 4 de Junho, na 31ª Marcha Juvenil de Montanha, organizada pelo Clube de Ar Livre da Escola Básica e Secundária de Canelas.

Participaram na marcha 29 Escolas. A nossa escola fez-se representar por 38 alunos do ensino básico e secundário e por 12 professores.

A marcha decorreu num dos percursos pedestres marcado na Serra do Caramulo que fica situada no concelho de Tondela, distrito de Viseu. O percurso efectuado designa-se de “Rota dos Caleiros”.

A marcha teve início no Caramulinho, o ponto mais alto da serra, a 1070 metros de altitude, de onde se avistou a Serra da Estrela e, em dias sem nebulosidade, dizem ver o mar.



Durante o percurso foi possível observar a singularidade da paisagem repleta de formações rochosas de natureza granítica e xistosa. Estas rochas estão espalhadas por todo o percurso e formam um espectáculo imponente, devido ao tamanho de alguns blocos e da grande variedade de formas que apresentam. Pela sua imponência é de referir o Penedo do Equilíbrio que se destaca pela sua forma, desafiando as leis da gravidade. Na aldeia de Jueus, tipicamente serrana, foi possível observar casas e espigueiros em granito. Do adro da capela desfrutámos de uma vista espectacular do Vale de Besteiros.



Depois de sair da aldeia de Jueus, entrámos nos caminhos que acompanham o trajecto dos antigos “caleiros” que garantiam o transporte e o abastecimento de água às populações serranas.

Existem ainda no percurso vários caminhos romanos, com sulcos profundos nas pedras devido às carroças que aí passaram durante séculos.

A flora da serra, nesta zona, é dominada por uma vegetação rasteira onde predomina a carqueja, urze, tojo e giesta, que, nesta altura do ano, ainda se encontra com uma riqueza extraordinária de cores.

A caminhada acabou junto a uma das torres eólicas, das muitas que emprestam uma nova marca à paisagem e fazem o aproveitamento do ar, um recurso em que a serra é rica.

É sempre de salientar o entusiasmo do grupo participante em relação a esta actividade realizada ao ar livre que permite um convívio entre professores e alunos de várias escolas, com partilha de experiências vividas, ficando encontro marcado para o próximo ano.

Arlindo Sousa

# ENTREVISTA AOS CLÃ

Banda de Pop Rock

**Jornal Ponto Final:** Por que decidiram lançar um álbum dirigido ao público infanto-juvenil?

**Clã:** Várias razões nos levaram a criar o Disco Voador. Por um lado, sempre tivemos vontade de desenvolver um projecto desse género e, por outro, sendo pais, procurámos músicas para os nossos filhos o que nos fez deparar com dois problemas: as boas músicas infantis ou são demasiado antigas ou a oferta mais recente tem pouca qualidade.

Em Maio de 2010, fomos desafiados pelos responsáveis do Projecto Estaleiro, uma equipa de curtas-metragens que iria realizar um festival, a apresentar um espectáculo dirigido a crianças. Assim, aceitamos a proposta. O compromisso inicial seria criar apenas algumas músicas originais. Contudo, o trabalho de composição entre o Hélder Gonçalves, compositor, guitarrista e baixista do grupo, e a Regina Guimarães, a principal autora das letras, foi bastante produtivo e, tendo o produto final sido muito satisfatório e de grande qualidade, decidimos gravar as músicas, editar o álbum e preparar a digressão do novo disco.

**JPF:** Porque razão houve uma interrupção tão longa (cerca de quatro anos) entre o lançamento do penúltimo álbum, “Cintura” (2007), e o “Disco Voador” (2011) ?

**Clã:** De facto, os nossos fãs frequentemente se espantam com o tempo que demora entre o lançamento de dois discos dos Clã. Contudo, não tivemos muito tempo para descanso. A digressão do álbum “Cintura” só terminou em meados de 2009, o que corresponde ao tempo normal de digressão da banda (cerca de um ano e meio). Sucedeu-se também uma edição do nosso álbum em Espanha, bem como alguns concertos em cidades espanholas, a edição de uma colectânea do grupo

no Brasil, o que nos levou a preparar alguns concertos em São Paulo em Dezembro de 2009, um concerto em Austin (EUA) no festival “South by Southwest” e outro na capital da Hungria, Budapeste.

Em 2009 também fizemos dois concertos muito especiais: actuamos no Baile dos Vampiros do “Fantasporto’09” e na abertura da nova temporada de espectáculos do TNSJ (Teatro Nacional de São João), um espectáculo designado “Barbie Suzie Dolly Polly Pocket”. Assim, no início de 2010 decidimos tirar umas férias, que foram de curta duração (até Maio de 2010).

Deste modo, em 4 anos os clã só tiveram 5 meses de férias. Na realidade, há bastante trabalho que não é tão mediático, mas fundamental a qualquer banda.

**JPF:** Todos os álbuns são bastante distintos. Haverá algo que os relacione?

**C:** Apesar de serem bastante diferentes uns dos outros, há razões relacionadas com a história da banda que levam a essas diferenças.

Entre o lançamento do primeiro álbum, “LusoQualquerCoisa” (1996), e o segundo, “Kazoo”(1997), as diferenças residem no facto de o primeiro já ser muito antigo, uma vez que algumas das músicas desse mesmo álbum foram estreadas em palco em 1994. Após o lançamento do primeiro álbum, quase não tivemos concertos, pelo que criámos novas versões das antigas músicas, experimentamos novos sons, e aí descobrimos a essência da banda: cada músico descobriu o que queria do seu instrumento, o que poderia desenvolver em termos de personalidade sonora e, a partir daí, criámos o segundo álbum.

De facto, aprendemos bastante com a experiência enquanto banda: tivemos várias experiências paralelas, como por exemplo a colaboração em bandas sonoras para filmes mudos, que trouxe coisas novas em termos de descoberta de som e composição. Tudo isso contribuiu para o processo evolutivo do grupo.

Por outro lado, também não tememos a mudança, uma vez que estamos habituados a ouvir estilos de música muito diferentes e a própria orgânica da banda é muito rica, o que faz com que os rumos tomados na construção das canções sejam infinitos. Neste último álbum, fizemo-lo de um modo muito mais consciente: estamos a tentar ser mais simples, no sentido de ter menos elementos e que as canções se tornem mais claras e as





ideias sejam mais fortes, o que se torna um trabalho bastante complicado.

É de acrescentar que a maior parte das músicas dos “Clã” não têm o formato clássico, com o refrão a repetir duas ou três vezes. No entanto, as letras e a própria essência das canções fazem com que as pessoas se liiguem emocionalmente à nossa música.

**JPF:** Qual foi o álbum de cuja criação mais prazer tiraram?

**C:** Gostamos de todos os álbuns, havendo, porém, sempre problemas em todos. Gravar é estar de uma forma muito clara e muito crua com aquilo que é produzido musicalmente, o que muitas vezes leva a frustrações quando o resultado esperado não é obtido. Todavia, é maravilhoso quando aquilo que pretendemos é alcançado.

Um disco de que gostamos particularmente, não tanto pelo que foi gravá-lo mas pela liberdade artística que ele representa, é o “Rosa Carne” (2004). É um disco cujo conceito está muito bem definido e é muito intenso, tendo representado um salto, em termos de escrita literária, extraordinário. Foi um grande passo e um exercício de muita liberdade, pois é muito, muito complexo e pouco comercial, o que foi arriscado uma vez que se sucedeu ao “Lustro” (2000), o álbum que teve mais sucesso comercialmente. Foi, de facto, um momento marcante e muito importante para a orgânica da banda.

**JPF:** Quais são as influências musicais dos “Clã”?

**C:** Todos os elementos têm gostos musicais bastante distintos. Quando vamos em viagem, em época de digressão, ouvimos desde Elvis Presley a Deolinda, e, esporadicamente, heavy metal!

**JPF:** Quais são as vossas perspectivas para o futuro?

**C:** De momento, estamos muito ocupados com o novo álbum e com o início da digressão: durante o período lectivo, vamos actuar em teatro e auditórios, com a possibilidade de, a propósito desses concertos, realizar oficinas em escolas ou sessões do espectáculo Disco Voador sópara público escolar. Nas férias do Verão vamos realizar actuações ao ar livre, com canções dos outros álbuns adicionadas ao repertório.

Depois, voltando as aulas, iremos novamente actuar em teatros e auditórios, sempre que possível mantendo a ligação às escolas.

Acabando a digressão, tiramos umas férias e, algum tempo depois, iniciaremos a criação de um novo disco.

**JPF:** Preocupam-se muito com a imagem dos cenários dos espectáculos e dos próprios membros do grupo?

**C:** Sempre nos preocupámos em transmitir a nossa personalidade artística, o que influencia bastante os nossos ouvintes.

Temos uma equipa de trabalho de estrada, uma equipa de palco (que trabalha com jogos de luzes e a cenografia), o que é muito importante na comunicação com o espectador, bem como uma equipa de cabeleireiros e figurinos.

**JPF:** Por que razão a banda se chama “Clã”?

**C:** Queríamos transmitir a mensagem de que éramos uma banda, um todo, e não partes disjuntas. Na época em que aparecemos, estava muito na moda os artistas actuarem com várias bandas diferentes, não sendo isso o que pretendíamos. Assim, decidimos dar um nome que sugerisse que éramos um grupo aberto, com raízes muito fortes, semelhante a uma tribo. E, dessa ideia, surgiu o nome “Clã”.





## ENTREVISTA A MANEL CRUZ

Músico, ilustrador e artista plástico.

**Jornal Ponto Final:** Em termos de satisfação pessoal, qual dos teus projectos musicais preferiste?

**Manel Cruz:** Numa certa perspectiva o Bandido deu-me mais pica porque há mais margem de erro, ou seja, é um projecto que tem uma componente quase plástica, é tipo o “vai-se pintando e vai-se fazendo” na própria realização do disco. Os Ornatos eram uma coisa mais de composição, de em casa fazer a música para a guitarra, depois eles punham arranjos, depois havia uma narrativa maior e uma preocupação de coerência dentro de cada música... Depois havia essa parte de composição da banda toda, que dava à música um lado um bocadinho mais comprometido, ou seja, isto sem uma conotação positiva ou negativa, estávamos mais preocupados em fazer a coisa perfeitinha... Era uma composição...

**JPF:** Também aí o plural intervém muito não é? O facto de ser Ornatos e de repente aqui o Bandido seres especificamente tu?

**MC:** Ser eu, exactamente, sou eu a mandar e a fazer as coisas. O pessoal ia para minha casa, passava lá a noite e ia curtindo, nem ia a pensar que ia gravar ou não porque eu sou amigo da maior parte das pessoas com quem trabalho, e pronto... acontecia. Porque eles iam para lá gravar e eu depois ficava sozinho, eles iam-se embora e eu ficava a montar aquilo como bem me apetecia. E se pensasse numa coisa estúpida pensava, e ao fim de três vezes se me apetecia arrepender arrependia-me e já não punha... Ou seja, havia uma liberdade total...

**JPF:** Quase como quando desenhas?

**MC:** Exactamente! Como quando desenhas precisamente. E às vezes o próprio esboço era a música e não havia esse problema de não se conseguir o take com o melhor som, ou às vezes havia um take que tinha a

vida e tinha aquela coisa que eu gostava e eu optava... Numa banda há sempre alguém que curte o take da bateria e depois o outro que não sei quê e outro que não sei que mais... E eu ali, pronto... Curiosamente acho que, destas pessoas, nunca ninguém me disse que não curtiu um take que fez porque eu tinha muitos takes, aproveitava as coisas que podia montar, cortava, colava, cortava, colava... Depois o pessoal tem aquelas coisas na música, que na pintura não acontece. Na pintura tu fazes uma colagem, metes a pincelada, juntas uma fotocópia... não estás preocupado se a fotocópia é um sampler ou se o take não está todo feito com a mesma técnica... ninguém quer saber. Na música há muito essa coisa do tipo “eh pá eu curtia gravar um take do início ao fim” mas tu, hoje em dia, com os programas de computador, e mesmo antes fazia-se isso ao cortar a fita e pôr a fita cola e tudo, só que era muito mais moroso... Ou seja, havia coisas que tu dizias “Não. Que se lixe, dá menos trabalho gravar outra vez do que estar aqui com coisinhas!...” e aqui não. Por exemplo, o disco dos SuperNada, que era um disco que estava mesmo difícil de sair, porque o pessoal chegava à sala de ensaios a arranjar músicas que já tínhamos tocado há montes de tempo e já estávamos fartos... Também já não conseguimos mudá-las em conjunto porque era um processo... difícil... E eu comecei a entrar naquela de pedir para relaxarmos e curtirmos um bocado, punha a gravar e desligava o monitor, ninguém sabia que estava a gravar e seguiam-se vinte minutos de uma série que já parecia composta, a soar imenso. Comecei a cantar em cima daquilo... se havia uma parte que não estava bem eu ia buscar um take de outro ano, tal e tal... depois cozia-se acolá, tal e tal, chegava ao fim e era uma cena natural. Com uma pintura ao fim de um determinado processo chegas a um final e isso com uma banda é mais difícil... A única maneira de acabarmos o disco foi essa, a fazer um bocado como fiz no Bandido.

**JPF:** A tua formação académica e o contacto com a arte plástica influenciam-te na música?

**MC:** Acho que sim. Acho que a minha atitude na música não é de músico, porque eu não sou músico que

tenha investido num instrumento em particular, academicamente ou em domínio, sinto-me sempre... como é que hei-de dizer... tentei repartir muitas coisas e nunca explorei demasiado uma mesma coisa...

**JPF:** Quase como o trabalho do Amon Tobin...

**MC:** Sim, bricolage. Eu sinto-me muito mais assim na música, embora só recentemente tenha posto isso mais em prática.

**JPF:** Demorou muito tempo o Foge Foge Bandido?

**MC:** Ele demorou nove anos, só que não foram nove anos intensivos porque era sempre um trabalho para segundo plano, ia fazendo outras coisas mesmo na música, nas artes plásticas, nas bandas...

**JPF:** Se calhar é isso que se nota, o ter sido um projecto feito por gosto e não pelo prazo que a editora te coloca...

**MC:** Sim, exactamente.

**JPF:** Foi edição de autor?



**JPF:** E em que posição é que isso te coloca em relação à pirataria?

**MC:** Não creio que a pirataria seja, mesmo na edição de autor, um maior prejuízo de vendas. Gasta-se menos dinheiro em divulgação, a pirataria é altamente por isso, porque se tu gostas muito de uma coisa e essa coisa até tem um objecto que justifica a compra tu até vais comprar. Com o Bandido essa foi uma maneira de tornar o objecto mais rico e ao mesmo tempo ter um pretexto para fazer um livro, essas coisas estão ligadas. Não foi

nenhum sacrifício. Quanto à edição de autor em si, não sei se vendi menos por causa da pirataria, mas sei que ganhei mais do que quando estava nas multinacionais. Porque a diferença do contrato que eu consegui, em que o investimento foi meu, é que ganhei 90% dos lucros, e na Universal ganhávamos 9%. Há algumas vantagens em ganhos embora tenha vendido muito menos, pois a própria tiragem é mais baixa, em edições de mil por exemplo, enquanto que com os Ornatos chegamos a vender quinze mil!

**JPF:** E na projecção na comunicação social como é que funciona?

**MC:** Na multinacional, na prática, tu pagas toda essa máquina, pagas o investimento da gravação, pagas o produtor, o marketing, os contactos nas rádios... Isso pode não ser necessariamente bom, porque tu entras num esquema que pode não ser o esquema de como vender a tua música... A questão é que eu não vou ganhar o meu público em quem vai assistir a um programa qualquer e até é quase obrigado a comprar um single ou algo do género, mesmo que depois não goste do resto do disco! Não é bem isso que pretendo. Pretendo atingir as pessoas que gostam mesmo.

**JPF:** Não achas, nos dias de hoje, mais rentável a promoção feita por exemplo no Facebook e assim?

**MC:** Claro, completamente. Tenho um amigo meu que facebooka para o Bandido. Há mais igualdade de oportunidades para quem queira fazer uma coisa ou tenha uma ideia fixe, às vezes até com pouco dinheiro e muitos amigos.

**JPF:** A pirataria veio então prejudicar mais as multinacionais ou os músicos?

**MC:** As multinacionais. Sem dúvida.

**JPF:** Com a pirataria começou também a haver mais concertos, e é nos concertos que se garante mais lucro não é?

**MC:** Exacto. Eu pessoalmente não sou contra a pirataria, mas isso não é ser a favor da pirataria.

**JPF:** Mas o tu produzires algo e depois alguém pegar nisso e ir vender...

**MC:** Essa é a diferença, mas isso já não tem relação com a pirataria, alguém está a ganhar dinheiro à custa

de outro... Tu até podes fotocopiar uma gravura de um livro, se quiseres o original tens que pagar. Eu gostava mais de viver dos discos do que viver dos concertos por exemplo, gosto mais da parte do laboratório do que ao vivo, embora também goste ao vivo... Mas é o que é.

**JPF:** O colocar todo o disco em palco é difícil?

**MC:** Há pessoas em certas músicas, por exemplo, que nunca se conheceram, nunca se cruzaram na vida. Então isso é uma coisa muito difícil, tens quarenta convidados, diferentes formas de tocar, tens milhentas coisas a formar aquilo que é um momento de música e tens de perceber quais é que são as essenciais ao vivo. Um cavaquinho, uma viola, um banjo que entra no segundo compasso e o barulho de uma torneira que entra não sei onde... O que é que vamos pôr ao vivo? Primeiro, para dar a ilusão de que essas coisas continuam a existir, ao mesmo tempo a eleger as coisas principais... um gajo que está na guitarra e não pode fazer o xilofone, saca o xilofone para a guitarra e faz a função... tudo isto demostra muitos ensaios e muitos concertos. Sinto que só agora, depois de quatro anos a tocar, é que nós temos um concerto a soar fixe, não soando como o disco, soa tão consistente como o disco. Estamos mais confortáveis, já conseguimos divertir-nos ali no meio sem estar só a pensar no “e agora?”... e já podemos beber um copo antes do concerto sem o medo de esquecer as coisas... E só agora é que sinto isso, é mesmo fazer um novo disco.

**JPF:** Um grande músico que teve um grande sucesso mas de repente até começa a “meter água”, deve ser culpado por isso?

**MC:** Acho que basta haver uma pessoa que goste para tu já não poderes culpar ninguém. Aquela pessoa é que tem razão, e aquela pessoa é que conseguiu extrair beleza de uma coisa. Claro que é sempre fixe um gajo dizer

mal. Ouvi um velhote aqui há uns dias que tropeçou e começou toda a gente a rir-se, ele vira-se e diz “Só se riem do mal!”...

**JPF:** Esta coisa do sampler... sempre existiu a reprodução através de outros meios, mas faz-te confusão que qualquer dia ouças uma banda qualquer e tenha algo sacado do Bandido?

**MC:** A única coisa que podia ser chato mas é impossível é alguém mudar alguma coisa que tu fizeste. Chegarem a um quadro teu numa galeria e alterá-lo. Chegarem a um quadro teu numa galeria e alterá-lo. Agora se pegarem numa cópia e alterarem vão criar algo novo. Tens inevitavelmente, nessa situação, uma nova obra e até uma chamada de atenção sobre aquilo em que pegaram. Tudo ganha. Os White Stripes deixaram um disco ser apropriado e houve um gajo que gravou um baixo. Continuas a ter os White Stripes e agora tens estes, pode haver alguém que goste mais com o baixo que nunca gostaria de White Stripes e agora até ouve. É o problema da propriedade intelectual, que chega a ser um bocado arrogante achar-se que se inventou alguma coisa. Como dizes, ganhar dinheiro com algo que foi exactamente o que tu fizeste é uma coisa, mas achares que inventaste umas notas é exagero. No Bandido há o exemplo do discurso do bispo que é um excerto manipulado por mim, eu próprio o mexi e encarno agora nos concertos.

**JPF:** Das experiências que fazes na música, há muitas que deites fora ou descartes e não queiras mais ouvir?

**MC:** Sim. No Bandido há três músicas que eu deixei de parte e que depois nunca mais peguei.

**JPF:** Alguma das tuas formas de expressão - escrita, música, pintura - é tua preferida?

**MC:** Em momentos diferentes. Por exemplo, há momentos em que estou mais saturado, a música é capaz de me saturar mais porque estou sempre com muita gente, tem lados óptimos mas às vezes, aqui no estúdio, há muita gente por todo o lado e embora hajam momentos curtidos, mesmo esses são muito intensos e podem ciclicamente saturar-me. Aí o desenho entra que nem ginjas, o silêncio e estar só a riscar... É óbvio que esses sentimentos estão em jogo quando é lazer, se falarmos de trabalho e eu tiver de fazer um cartaz ou qualquer coisa, tenho de fazer e tem de ser.

**JPF:** Usaste a palavra laboratório, para ti a música é então esse trabalho de laboratório no computador?



**MC:** Sim e os métodos podem ser muitos. A música pode sair de uns acordes de guitarra, como pode sair uma letra e fazer uma voz, como pode haver alguém que esteja aí a tocar e eu gravo e ponho algo por cima... qualquer coisa vale. Para mim vale tudo. Porque é uma mentira até criares a verdade, às vezes olho para algumas pessoas e sinto “este gajo escreve e sabe, é um iluminado, caiu-lhe a coisa em cima!”, quando é comigo sinto de forma diferente. É andar no meio de trapos até conseguir fazer com que aquilo pareça um vestido. Mas também gosto muito desse processo, mais plástico.

**JPF:** Nessa fase de “pós-produção”, o bricolage em si, gostas mais de trabalhar sozinho?

**MC:** Eu por acaso gosto de trabalhar sozinho, mas gosto também de trabalhar com alguém que esteja colado no mesmo que eu. Tem é de estar hiper concentrado também. Alguém que me vê a já nem ouvir bem e me desliga e diz para irmos beber um copo, de repente quando se volta...



**JPF:** Isso é o processo que deves utilizar em desenho, afastando-te do desenho para veres melhor...

**MC:** Exactamente, é a metáfora perfeita disso, o afastar-te do quadro.

**JPF:** E em relação aos videoclipes, preferes pegar no conceito e encontrar alguém que consiga transpô-lo ou preferes experimentar tu próprio?

**MC:** Tenho muita vontade de fazer videoclipes, só que claro que o tempo nunca dá para tudo e acabei por fazer brincadeiras com amigos que, ou não davam em nada, ou tínhamos aquela coisa que acontece nas multinacionais com as bandas, em que tens de ter um vídeo para o

single. O que resultou disso é que gostei de cerca de três videoclipes... Os Radiohead são o exemplo de uma banda com excelentes videoclipes, os Ornatos se calhar não investiram tanto. Já com os Pluto, a Maria e o Rui Lima fizeram um vídeo que eu gosto muito, muito simples. No Bandido, dei as músicas a amigos meus, avisei logo que não ia pagar e disse para fazerem o que quisessem que eu não riscava nada, no fim poria os vídeos no site. Cheguei assim a ter vídeos de gajos que não conheço! Agradou-me essa abordagem também experimentalista nos próprios vídeos.

**JPF:** Precisas de um feedback positivo das pessoas, ao longo do processo criativo?

**MC:** Inevitavelmente sabe-me bem ouvir que “está altamente” mas dou muita importância a quem é que está a fazer esses comentários. Por exemplo, a Trindade, que também está no disco, que é uma empregada que eu tive em casa da minha mãe, é uma pessoa super interessada em tudo e sabe montes de coisas. Eu tinha um quadro que nem tinha sido acabado e ela virou-se para mim e disse “Ó menino, este quadro é tão feio, tão feio, tão feio, que até é bonito!” E eu pensei “Perfeito!”

**JPF:** Achas que estamos numa fase artística e musical bastante revivalista?

**MC:** Acho que foi sempre, só que agora há menos preconceito das pessoas em pegar no passado, acho que já nem sei bem o que é que é revivalismo e o que é que não é. As coisas já estão muito misturadas. Já se juntam outras cenas a esse passado. É um zero confortável, temos de começar por algum lado e nunca há nada que nos diga que aquele lado serve, mas ter uma referência é óptimo.

**JPF:** Ouves aquilo que criaste, já no fim de tudo com o disco feito, e essa música toca-te?

**MC:** Sim. É uma masturbação, a sensação do “yey está altamente, consegui!”...

**JPF:** Tens muitas pessoas que te peçam opinião sobre trabalhos pessoais?

**MC:** Pedem-me e eu tento sempre dissecar, hiper analisar, vou sempre buscar aquilo que gosto mais. Às vezes custa dissecar algo muito emotivo, mas um gajo tem de sofrer, é inevitável, se poupare as pessoas ao sofrimento elas não evoluem. Sendo o criar uma comunicação contigo, uma elevação ou estado pleno de satisfação,

é preciso angústia, claro que se pode criar sem essas angústias, mas é uma questão de ambição saudável. É uma questão de ambição saudável. É fazer-se bem uma coisa, ter brio.

**JPF:** Como é que fazes a gestão da tua imagem com os teus fãs? Preservas-te e preferes o anonimato ou não te incomoda a atenção?

**MC:** O ideal era que fosses conhecido quando querias e não fosses conhecido quando não querias. Não se pode ter tudo. Sempre tive vaidade, mas sempre curti não me conhecerem para não ficar em posições desiguais com as pessoas.

**JPF:** Neste momento, qual é a tua música preferida no álbum?

**MC:** “A canção mudou”.

**JPF:** Os teus filhos gostam da tua música?

**MC:** Nunca os pus a ouvir e houve uma única vez em que liguei o rádio e já estava lá um cd meu, uma maquete dos SuperNada. Aproveitei para ouvir como é que estava a soar e o Agostinho virou-se “Não quero esse! Quero o Mike Patton!”, ele tinha dois anos na altura! Faço mesmo questão de não ser eu a mostrar-lhes, prefiro o reflexo real do interesse deles. E eles nunca vão precisar, vão sempre ter de ouvir o pai e vão.

**JPF:** Quando páras de desenhar e recomeças, sentes que estás menos “oleado”?

**MC:** Acho que é muito como num relacionamento. Entre duas pessoas há dias em que estás mais “lá”, ou há dias em que estás mais no teu trabalho ou o contrário, às vezes é a outra pessoa... e nunca recibes tanto... tem sempre a ver com aquilo que tu dás também... não dá

muito bem para explicar. Acho que com o desenho e as artes é muito a mesma coisa. Se bem que também há outras coisas, há a questão da autoconfiança... por exemplo, neste último concerto, nós estamos fartos de tocar o Bandido de trás para a frente - fartos quer dizer que já tocamos muitas vezes, temos aquilo mais que sabido - e decidimos não ir ensaiar numa das vezes. E eu tenho a certeza que não era preciso. Só que o facto de nós sabermos que não tínhamos ensaiado influenciou, só por aquele sentimento de brio... de respeito... correste o risco e o teu trabalho, se calhar, não gostou muito! Agora isto não será verdade para todas as pessoas, há pessoas mais simples... Mas eu acredito que existe uma resposta motora no teu cérebro que é trabalhada e afinada e os teus dedos, se deixas de tocar guitarra uns tempos, ficam sem calo, é tão simples quanto isso, e volta a doer. O contacto com as coisas cria essa parceria com as ferramentas. Tens de criar uma ligação com as coisas de existência! Diária. Tu existes todos os dias, se tu és artista a arte existe todos os dias. Eu escolhi isto e não tenho um emprego das nove às cinco. Todo o pessoal que trabalha em artes tem essa dualidade, não é uma profissão por um lado, por outro lado é... por outro lado é a tua vida... mas há que assumir as coisas como são.

**JPF:** Consideras importante, para ti, o ter uma certa “bagagem” musical? Quais são as tuas referências?

**MC:** Não ouço muita música. Mas também ouço muito a que faço e ouço muito som, tanto que chego a casa e não tenho vontade de ouvir nada, o silêncio está altamente para mim... Embora haja alturas em que me apetece mesmo ouvir um disco e vou ouvi-lo, não é aquela coisa de pessoal que não está ligado à música e precisa de ouvir música a trabalhar, eu, como passo muito tempo aqui fechado às vezes a ouvir sempre o mesmo compasso, o silêncio sabe-me altamente. Curiosamente agora ouço mais quando chego a casa, ponho Feelies e os miúdos adoram dançar aquilo. E tenho, claro, referências. Quando era puto ouvia muita música, antes até de começar a tocar, estava sempre a ouvir música. E ouvia os discos dos meus irmãos e dos meus pais que ia desde o Jacques Brel aos Beatles, ao Bruce Springsteen, ao Simon and Garfunkel, ao Beethoven, Sérgio Godinho, Rui Veloso, Tracy Chapman, pá... tudo o que houvesse lá era para ouvir! Sétima Legião... a minha irmã começou a ouvir The Cure eu também ouvia The Cure... enfim...

**JPF:** E com livros isso também acontece?

**MC:** Não leio. Nada. Poesia ainda leio... e já comecei alguns livros. Não tenho o prazer da leitura como tenho



por exemplo o do cinema, não quer dizer que não haja uma coisa que me provoque esse prazer. Só que eu sinto que tenho que me esforçar para a leitura me agarrar, enquanto que o cinema não me causa isso. Não preciso de criar as imagens no cinema, num livro como sou eu que tenho de fazer isso de repente já não estou ali, as imagens levam-me para longe.

**JPF:** E então, no cinema, tens referências?

**MC:** Tem de novo muito a ver com o momento em que tu estás e a pertinência. Tive a ver filmes do Hitchcock... O Indiana Jones era o meu filme de infância, sonhava com aquilo e tudo. Depois tenho filmes que adorei como o “Despertar da Mente”, ou o “Quem quer ser John Malkovich” e é um filme que eu nem estava à espera de nada especial. Outro que também não percebi porque é que adorei é “A Testemunha”, não sei mesmo porquê. Depois há aqueles que toda a gente gosta como os “Cães Danados” que também gostei muito, mas que são consensuais... Mas adoro cinema!

**JPF:** E teatro, já agora?...

**MC:** Teatro não gosto. Não sou um apreciador do molde... o que não quer dizer que eu não possa ver uma peça que adore.

**JPF:** E como é que aconteceu então a tua participação no “A Cidade dos que partem”?

**MC:** As músicas entravam muito na peça e pediram-me para fazer uma das músicas, tão simples como isso. Vi o que era a peça e fiz uma música para uma letra. Fui ver um ensaio e isso ajudou-me. Não considero que dê por mal empregue o meu tempo se vir teatro, mas eu não vou daqui ali para comer massa... mas uma vez estando lá posso até curtir ter ido e vi há uns tempos o “Pillowman” que gostei muito, do Tiago Guedes. Lá está, tinha uns cenários muito bonitos, os actores eram bons, a história fixe, naquele momento consegui puxar-me. Acho que é fixe um gajo enriquecer-se mas não directamente, não é o “olha vou estudar este gajo para conseguir perceber”... Um gajo estuda a vida...

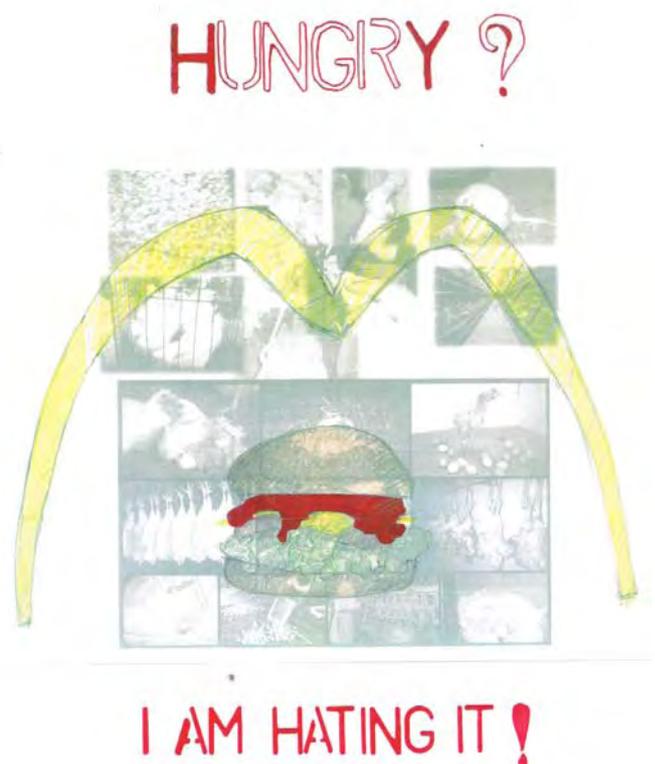
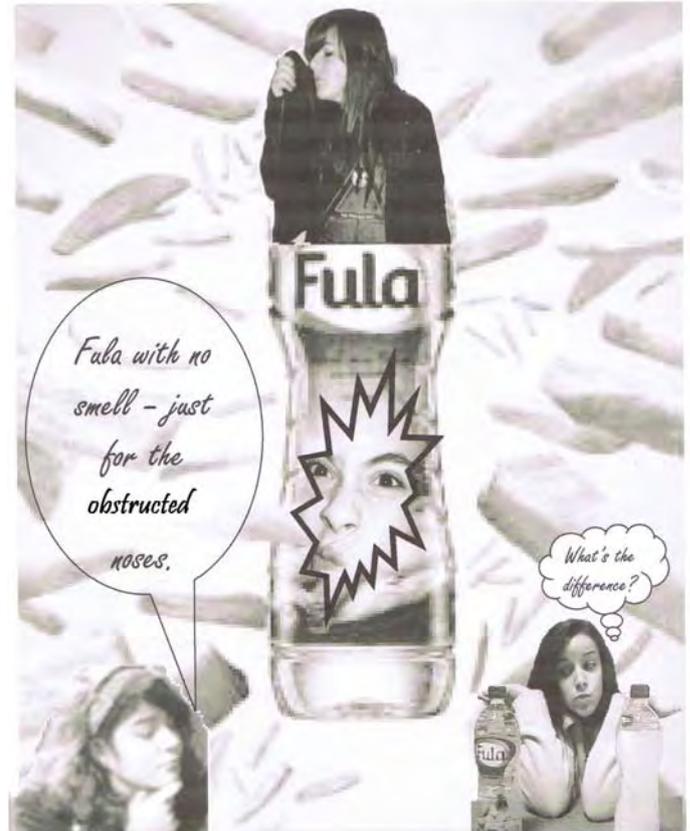
## SPOOF ADS

We are constantly being confronted with advertisements. They are EVERYWHERE!

Ads are designed to convey very specific messages to

consumers and they don't necessarily tell us the whole truth about a product. When you spoof or parody an ad, you take the elements of the ad that give it power, and make them absurd. Here are some spoof ads made by the students.

11°B; 11°C.





[jornal.final@esparedes.pt](mailto:jornal.final@esparedes.pt)